



Vol. 18, nº 1 (2020)

DOI: 10.30681/issn22379304v18n01/2020p151-166

**TRADUZIR-SE EM TEMPOS DE PESTE: UMA PELEJA  
GRACILIANA**

\*\*\*

**SI TRADUIRE EN TEMPS DE PESTE: UNE BATAILLE  
GRACILIENE**

Prof. Dr.: Pedro Antônio Freire<sup>1</sup>

**Recebimento do texto:** 20/03/2020

**Data de aceite:** 19/04/2020

**RESUMO:** Nestes tempos de pandemia, um dos livros mais citados é *La peste* (CAMUS, 1947), cujos planos esboçados nos bastidores de sua tradução para o português serão visitados por este artigo: no início dos anos de 1950, José Olympio convidou Graciliano Ramos para traduzir esse livro do idioma francês para o nosso idioma. Embora o escritor brasileiro hesitasse em aceitar essa tarefa por motivos pessoais, ele produziu uma obra muito apreciada pela crítica. Em meio à história acerca da ansiedade de Graciliano Ramos, havia os problemas típicos encontrados por um tradutor: a técnica, a fidelidade ao texto original e a aproximação convincente entre os dois sistemas literários de origem e partida. A principal contribuição deste texto é baseada em *Diálogos interculturais* (BICALHO, 2010).

**PALAVRAS-CHAVE:** Graciliano Ramos; Tradução; *A peste*; Albert Camus.

**RÉSUMÉ:** En ces temps de pandémie, l'un des livres les plus cités est *La peste* (CAMUS, 1947), dont les plans esquissés en coulisses pour sa traduction en portugais seront visités par cet article: au début des années 1950, José Olympio a invité Graciliano Ramos traduire ce livre de la langue française dans notre langue. Bien que l'écrivain brésilien ait hésité à accepter cette tâche, pour des raisons personnelles, il a produit un travail très apprécié des critiques. Au milieu de l'histoire entourant l'anxiété de Graciliano Ramos, il y avait les problèmes typiques rencontrés par un traducteur: technique, fidélité au texte original et approximation convaincante entre les deux systèmes littéraires d'origine et de départ. La principale contribution de ce texte est basée sur les *Diálogos interculturais* (BICALHO, 2010).

**MOTS-Clés:** Graciliano Ramos; Traduction; *La peste*; Albert Camus.

---

<sup>1</sup> Licenciado, Mestre e Doutor pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).



No início da década de 1950, José Olympio, dono de editora homônima, encomendou a Graciliano Ramos uma tradução do livro *La peste* (*A peste*), do filósofo e escritor franco-argelino Albert Camus, após uma passagem deste pelo Brasil. Como vivia o romancista brasileiro num permanente estado de penúria<sup>2</sup>, mesmo desejando recusar a tarefa, não fora possível abrir mão da empreitada.

Como exemplo da mazela econômica que vivia Graciliano Ramos, bem como outros escritores, tem-se uma passagem de *Viagem*, ocasião em que fora à extinta União Soviética, em 1952, já quase em fim de vida: “[...]. Os senhores têm meio de se especializar? Inquiri. – Sem dúvida, respondeu um sujeito. Eu, por exemplo, sou engenheiro, mas dedico-me à literatura [...]. – Isso não é uma especialização. Retruquei. O senhor deixou um ofício por outro” (RAMOS, 1986, p. 167). E continua nosso autor explicando-lhes que no Brasil o caso seria o mesmo, só que aqui normalmente a baixa remuneração do ofício quase sempre era preenchida pelo jornalismo. Então lhe respondem: “[...] era possível o indivíduo ocupar-se numa coisa só[?]” (idem, p. 167).

---

<sup>2</sup> A penúria sempre foi uma realidade para muitos escritores que vivem do ofício de escrever. À época de Graciliano Ramos, narra-se o caso emblemático de Amadeu Amaral Júnior, que chegara ao ponto de colocar um anúncio num jornal: “Minha situação continua preta. Reitero o apelo às almas bemformadas: deem-me comer a quem tem fome, uma fome atávica, milenária. Deem-me trabalho. Escrevo poesias, crônicas, contos (policiais, psicológicos, de aventura, de terror, de mistério), novelas, discursos, conferências. Sei inglês, francês, italiano, espanhol e um bocado de alemão. Deem-me trabalho pelo amor de Deus ou do diabo”. E Graciliano, colocando-se como parte queixante, comenta o caso em uma crônica: “Enfim o procedimento de Amadeu Amaral Júnior mostra coragem. Supomos a princípio que ele não está com a cabeça regulando e bem acabamos reconhecendo que o seu ato não foi tão desarrazoado como parecia. O que há é que não estamos habituados a ler coisas desse gênero. Mas se todos os literatos fossem francos como Amadeu Amaral Júnior, quantos pedidos de roupa velha, níqueis e pão duro surgiriam nas folhas! Se elas quisessem publicar isso de graça, naturalmente” (RAMOS, 2013, p. 173).



Quanto ao romance a ser traduzido, fora ele escrito no contexto da 2ª Guerra Mundial e baseia-se numa real epidemia de peste bubônica, passada anteriormente em algum lugar da Argélia, à época ainda sob a tutela colonial da França, que fora ocupada pelos alemães, durante conflito bélico; conseqüentemente, também a colônia, no norte da África, ficara sob o domínio do exército alemão. Diante disso, um dos grandes méritos dessa obra é a alegoria dos ratos, cujas pulgas de fato são a origem da peste. Assim, os ratos, no romance, são análogos aos agentes que “disseminam” o controle, a tortura, os desaparecimentos e as mortes durante a ocupação nazista.

No que diz respeito ao contexto da tradução de Graciliano Ramos, mesmo com o fim da II Grande Guerra, em 1944, o Brasil ainda vivia sob a ditadura Vargas, regime do qual o próprio Graciliano fora uma vítima direta, com sua prisão no ano de 1936 (Estado Novo), experiência relatada de modo em suas *Memórias do cárcere* (1953). Sabe-se por esse livro que o escritor conviveu em permanente combate com o tentáculo tupiniquim do nazifascismo, conhecido como Integralismo<sup>3</sup> que, de início servira de base para a ascensão de Getúlio Vargas ao poder, mas que, por pressão norte-

---

<sup>3</sup> A título de comparação com nosso presente, eis aqui a dicção integralista que teve à época como protagonista um certo Plínio Salgado: “Convém lembrarmos o entusiasmo com que oradores de longo fôlego copiaram as caretas e os berros dos papões totalitários, semearam a discórdia, ameaçaram com enormes castigos as criaturas que não se vestiam como eles, não desfilavam em passeatas coloridas nem gritavam. Nacionalistas exaltados entendiam-se bem com gringos, carcamanos, asiáticos [alemães, italianos, japoneses – “o Eixo do Mal”], oblíquos, e fingiam desprezar os sangues inferiores. Não chegaram a realizar matanças de aparato, porque não subiram muito, conforme esperavam. Além disso, os judeus, pouco numerosos, mal davam para um *pogrom* [massacre de cunho antissemita] modesto. E os pretos abundavam: a supressão deles devastaria o país. Limitaram-se, pois, à eliminação teórica dessas raças. Os semitas seriam expulsos oportunamente, quando os arianos tomassem o poder. E evitou-se qualquer referência ao pessoal escuro das favelas. O professor Artur Ramos foi chamado à ordem: – Essa história de africanismo é conversa. O senhor tenta sublevar os negros, assanhá-los contra a ordem instituída (RAMOS, 1986b, p. 228-229).



americana, abandona o laço europeu, tendo de enfrentar por isso a ganância de seus voláteis aliados, frente a qualquer tipo de oposição político-ideológica ou congêneres.

Talvez mesmo por isso seja importante lembrar que Graciliano, quando detido em Alagoas, à época como Inspetor de Ensino, não tivera nenhuma queixa-crime estabelecida contra si, mas, mesmo assim, passara todos os percalços prisionais, mais por conta dos desafetos que por necessariamente posição política. Ao contrário do que se possa imaginar, tinha até então certa aversão<sup>4</sup> ao regime soviético e só ingressara no Partido Comunista Brasileiro (PCB, criado em 1922), depois de sua passagem pelos grilhões da ditadura. Ainda assim, por divergências de ideais, rompeu com o partido antes de sua morte, quando lideranças do PCB censuraram muitas passagens relatadas em suas *Memórias...* consideradas indevidas ao esperado “realismo socialista”.

A exemplo da contenda, apresenta-se aqui esta passagem, por ocasião do lançamento [póstumo] das *Memórias...*, como atesta seu filho e também escritor Ricardo Ramos, em seu *Graciliano* (RAMOS, 1992, p.197): “O livro vendia, a crítica aplaudia, mas os comunistas silenciavam. Nem uma palavra”. Um ali citado camarada por terceiros deixara clara sua queixa: “– Agildo [Barata] ficou uma fera com seu retrato.”; “– Mas é uma das melhores personagens do livro!”; “– É. E não gostou. Aquilo de ser

---

<sup>4</sup> Crítica do nosso autor à Aliança Nacional Libertadora, ainda no início da década de 30: “[...] Reuniões estorvadas pela polícia, folhas volantes, cartazes, inscrições em muros, pouco mais ou menos inúteis. Lembra-me de um desses conselhos, negro, a piche: “Índios, uni-vos”. Nunca vi maior disparate, pois naquele arrabalde de capital pequena [Maceió] não vivia nenhum índio. Difícil que essas criaturas analfabetas, espalhadas nos cafundós de Mato Grosso e do Amazonas, tomassem conhecimento da legenda. E para que nos serviria a união dos índios, santo Deus? Absurdos semelhantes pressupunham desorientação [...]” (RAMOS, 1986b, p. 83). Ironiza Graciliano tal forçosa atitude para que nossos autóctones se reconhecessem como parte de um vago proletariado, frente aos poucos que até então a tal classe pudessem pertencer.



baixinho e falar fino” (RAMOS, 1992, p.199). Vê-se que Graciliano teve que lidar com duas frentes só aparentemente distintas, embora nunca tenha deixado de ser ateu, nem socialista.

Frisa-se aqui que o diretório do PCB, a respeito do relato de que certa liderança do Partido teria baixa estatura e fala fina, demonstrou aborrecimento com o comentário registrado no livro, pois entendia que tal descrição comprometia a masculinidade e, por consequência, a autoridade da pessoa e do partido como um todo. Dito isso, intenta-se demonstrar que parte da batalha dos dois romancistas aqui em questão, Camus<sup>5</sup> e Ramos, fora a de combater, cada qual a sua maneira, tendências e governos autoritários e, talvez mesmo por isso, foi que o editor José Olympio, já muito próximo a Graciliano, tenha sugerido seu nome para a empreitada.

Para além das suposições sobre o porquê de tal encomenda por José Olympio, e sobre o porquê de Graciliano ter aceito, mesmo a contragosto, pode-se pensar que, para a Editora, era importante ampliar as relações entre dois sistemas literários, com a assinatura de um escritor reconhecido no Brasil. Neste sentido, é interessante compreender a discussão sobre “polissistema”, via Ana Maria Bicalho:

---

<sup>5</sup> “[...] O romance, segundo afirmou o próprio Camus, traz “[...] a luta da resistência europeia contra o nazismo [...] marca a passagem de uma atitude de revolta solitária ao reconhecimento de uma comunidade de cujas lutas é imperativo tomar parte. O tema da separação está também presente no romance: Rambert, que encarna o tema, renuncia justamente à vida privada para se juntar ao combate coletivo. A Peste termina com o anúncio e a aceitação das lutas vindouras. Ela é um testemunho —do que houve que fazer e que semdúvida os homens deveriam ainda fazer contra o terror e sua arma incansável, a despeito de seus conflitos pessoais” (CAMUS apud BICALHO, 2015, p. 57). A título de comprometimento do autor na luta contra os regimes totalitários, embora à mercê de maiores comprovações, fica aqui especulação de que o acidente de carro que causara a sua morte (1960) tenha sido encomendado por uma autoridade do alto escalão soviético, à época.



Vol. 18, nº 1 (2020)

Em sua Teoria dos Polissistemas, Itamar Even-Zohar busca redefinir o conceito de sistema literário, propondo ampliar seu campo de ação e de interação. O autor concebe a literatura como um grande sistema que não só é constituído de outros sistemas (daí o termo polissistema), como também se relaciona com outros sistemas paralelos, onde se estabelecem troca de posições. A sobrevivência do polissistema depende da tensão entre os seus vários componentes que, ao mesmo tempo em que interagem, disputam um lugar hegemônico. Essa tensão se constitui a partir de instâncias hierarquizadas de centro e periferia. No centro, residem repertórios canônicos, orientados por uma espécie de modelo a ser seguido pelos que almejam prestígio e aceitação. (EVEN-ZOHAR, apud BICALHO, 2010, p. 13).

A escolha do nome de Graciliano Ramos para a tradução do livro de Camus estava além da amizade entre editor e escritor: tratava-se de relação polissistêmica, ampliação de mercado editorial e reconhecimento do trabalho de tradução. A Editora José Olympio fora desafiada a aproximar dois sistemas literários, por meio da tradução da obra *La Peste*, e entendeu que, a despeito de possuir outros bons tradutores, essa tarefa deveria ser realizada por um escritor reconhecido no meio cultural, para garantir a confiança da crítica e do público.

A tradução de Graciliano Ramos, pela José Olympio Editora, data de 1950. O objetivo da editora é produzir livros de qualidade para o público brasileiro, não só dos expoentes da literatura brasileira, como também as obras traduzidas dos principais autores internacionais. Estabelecida no mercado desde 1931, a editora José Olympio é uma das pedras fundamentais na construção da cultura brasileira e contabiliza 569 títulos, em seu catálogo [...] (BICALHO, 2015, p.78-9).

No que tange ao convite, pensa-se que a trajetória de Graciliano até chegar à editora José Olympio vem a ser, pelo menos, curiosa. Ele fora descoberto de modo bastante aleatório, por meio dos relatórios oficiais que aquele fazia durante sua gestão como prefeito da então pequena cidade



alagoana de Palmeira dos Índios, no final da década de 20, até ser editado primeiramente pelo poeta Augusto Frederico Schmidt (Ed. Schmidt). A mesma editora ainda publicaria, de modo canhestro, seu romance de estreia: *Caetés*. Diga-se canhestro, porque o pioneiro editor não gozava de muita organização; daí, Graciliano migra para a editora paulista, Ariel, e publica *São Bernardo* que, diante da temática latifundiária ali presente, entra no *boom* da Segunda Geração Modernista, bem menos eufórica que a primeira e bem mais politizada. Seu terceiro romance, *Angústia*, então, já sai pela Editora José Olympio. Isso, também muito graças à coragem de sua atual esposa Heloísa Ramos e com o aval do já reconhecido escritor paraibano José Lins do Rego, enquanto Graciliano ainda permanecia sob a tutela prisional do Estado Novo.

A partir de *Vidas Secas* (1938), também já originalmente publicado pela José Olympio Editora, é que Graciliano Ramos passa a ter um pleno sucesso de crítica e um pouco mais de público, o que ainda não vai lhe render, como aqui já foi dito, muitos dividendos. Isso, até porque a família instala-se com ele na ainda capital da República, Rio de Janeiro. E, para complicar a situação, depois de *Vidas Secas*, à maneira de expurgar os fantasmas do autoritarismo, ele passa a se dedicar primordial e notoriamente a uma produção de cunho histórico-pessoal com a escrita de *Infância*, trilhando também por crônicas, cartas e relato de viagem, até chegar à publicação de *Memórias do Cárcere*. Sabe-se que à época tais gêneros ainda não gozavam de tanto prestígio literário.<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Na tentativa de aplacar a expectativa de possíveis editores/ leitores, o crítico e sociólogo Antonio Candido no mais que citado *Ficção e Confissão* (CANDIDO, 1992) vem a pulverizar uma com a outra: “[...] me parece justo o pressuposto básico, isto é, que ele passou da ficção para a autobiografia como desdobramento coerente e necessário de sua obra” (idem, p. 11), pois, tal qual Graciliano, o irônico “João Valério [*Caetés*] nunca chega a tratar os amores com arrebatamento ou verdadeira ilusão” (idem, p. 21); Paulo Honório,



Na lida com o bioficcional, antes mesmo do convite para a tradução do livro de Camus, Graciliano, também não sem pesares, aceitara o convite para a tradução de uma biografia, *Memórias de um negro (Up from slavery)*, obra memorialista escrita pelo educador norte-americano Booker T. Washington, publicada no Brasil pela Editora Nacional de São Paulo (1942). Contudo, ainda não se reconhecendo como tradutor, da importância dessa função e não afeito a prosas prolixas, renegaria desde o início até o reconhecimento de tal tarefa, tanto que em vida registrara o trabalho apenas com as iniciais G. R., segundo Ricardo Ramos, relatando um pedido do pai em vésperas de morte: “Preste atenção ao que não está em livro. Se assinei com meu nome, pode publicar; se usei as iniciais GR, leia com cuidado, veja bem (RAMOS, 1992, p. 176). Sobre a resistência de se considerar tradutor, é importante considerar que, à época, entendia-se o seguinte:

A ideia de fidelidade corroborava, e, em alguns casos, ainda corrobora, os discursos sobre a imperfeição e a inferioridade da tradução. Ser fiel significava produzir uma cópia, implicava a existência de um tradutor invisível, que produz um trabalho inferior, mecânico e imperfeito. Talvez o que dificulte a dissociação dessa ideia seja o fato de a Bíblia ter sido [ao menos em tese] o primeiro livro traduzido. Como observou André Lefevere (2007, p. 85), quanto maior o prestígio cultural do texto original, mais “gramatical e lógica” será a tradução, sobretudo quando nos deparamos com textos considerados

---

em *São Bernardo*, entra “[...] pela pesquisa do próprio espírito, até atingir uma eloquência pungente, embora freada pelo pudor e pela inabilidade em se exprimir de todo” [...] (idem, p. 33), perante a realidade. “E não é difícil de perceber em Luís da Silva [*Angústia*] algo de muito seu: a vocação literária, o ódio ao burguês e coisas ainda mais profundas [...]”: “[...] o menino que viveu sozinho, o adolescente [...] insatisfeito” (idem, p. 41 e 38). Também Fabiano [*Vidas secas*], este “[...] é um esmagado, pelos homens e pela natureza; mas o seu íntimo é primitivo e puro [...]” (p. 45). Por fim, ainda nos acautela Candido: “Talvez seja errado dizer que *Vidas secas* seja o último livro de ficção de Graciliano Ramos. *Infância* pode ser lido como tal, pois a sua fatura convém tanto à exposição da verdade quanto da vida imaginária; nele as pessoas parecem personagens e o escritor se aproxima delas por meio da interpretação literária, situando-as como criações (idem, p. 49)” (CANDIDO, apud FREIRE, 2015, p. 20-1).





Vol. 18, nº 1 (2020)

“fundadores” como é o caso da Bíblia. A tradução da “palavra de Deus” impunha aos tradutores a extrema fidelidade, conceito atrelado a uma estratégia de subserviência e apagamento da singularidade do tradutor. A divergência da norma impunha risco, como aponta Lefevere (2007, p. 86): “muitos tradutores ‘espíritosos’ da Bíblia foram postos na fogueira, e aos fiéis não era permitido traduzir o Alcorão”. (LEFEVERE, apud BICALHO, 2010, p. 67)

O reconhecimento de seu trabalho de tradutor, portanto, não viria, nem se desejasse, pois, para os padrões da época, uma boa tradução seria aquela que mimetizasse, de maneira mais abrangente possível, os percalços culturais da obra a ser traduzida e, se possível, na íntegra, aquilo que, de novo segundo seu filho, Ricardo Ramos, claramente não procedera com Graciliano:

O tradutor brasileiro fez a chamada tradução livre. Se não gostava mudava, endireitava, suprimia. Aqui e ali adaptava resolvendo melhor. – Tive de cortar muito, quase acabei com uns dois capítulos. Imprestáveis. O homem vinha direito, umas observações ótimas, mas de repente se estrepava todo. Negro burro (RAMOS, R., 1992, p. 112).

Fortalecendo esta tese, em *Diálogos interculturais: Graciliano Ramos tradutor/traduzido*, Ana Maria Bicalho destrincha as nuances com as quais o romancista teve que lidar para alcançar os resultados almejados na consumação daquela empreitada, dentro do que supunha ser algo de valor de acordo com sua perspectiva literária. No subcapítulo “Traduzindo *La Peste*” (BICALHO, 2010, p. 92-110), encontram-se relatados artifícios que vão desde a mudança do foco narrativo, passando por adequações lexicais, aplicação de expressões idiomáticas, mudanças de estruturas sintáticas etc., até a clara supressão de trechos pela mera constatação: “A tradução de Graciliano Ramos tem pouco mais da metade do número de páginas do



texto de partida devido à forma particular como traduz, à sua língua; e confirmando a conhecida capacidade de concisão” (idem, p. 80).

A concisão graciliana é algo que precisa ser frisado aqui, já que notoriamente foi aquilo que o desprende de seus pares, não só dos pioneiros daquele pretenso Realismo-Naturalismo<sup>7</sup>, exercido no século anterior ao do seu ofício, mas ainda dos seus colegas contemporâneos, todos cunhados por neorrealistas: além do já citado José Lins do Rego, compreende-se também o baiano Jorge Amado e a cearense Raquel de Queiroz, só para constar os mais aclamados. A título de curiosidade, sua intransigência em relação à qualidade literária<sup>8</sup>, proporcionar-lhe embates bastante incisivos, como da vez em que esteve numa banca de concurso, e

---

<sup>7</sup> Alfredo Bosi destaca na sua *História concisa da literatura brasileira*, dentro da “inspiração regional” naturalista, alguns de seus pioneiros. São eles: José do Patrocínio, de *Os retirantes* (1878); Rodolfo Teófilo, de *A fome* (1890); Manuel de Oliveira Paiva, de *Dona Guidinha do poço* (1891) e conclui que “para sentir as relações concretas entre o meio e o homem, será preciso esperar pela linguagem incisiva de Graciliano Ramos [...]” (BOSI, 1994, p. 196).

<sup>8</sup> No que tange às instâncias entre o ético e o estético, há uma permanente discussão que talvez careça aqui de um aparte: normalmente ambos aparecem como tópicos conflitantes, o que aqui não foi mesmo o caso. O livro em questão seria o *Sagarana*, de 1946, que numa leitura posterior aponta Graciliano: “Vejo agora [...] que o volume de quinhentas páginas emagreceu bastante e muita consistência ganhou em longa e paciente depuração. [...] indicara a Prudente de Moraes [Neto] numerosos versos para efeito onomatopaico intercalados na prosa. [...] Lá estão, à página 25, fixando a marcha dos bois nos caminhos sertanejos, dois períodos (o primeiro feito de adjetivos aplicáveis ao gado) composto de pentassílabos: ‘Galhudos, gaiolos, estrelos, espácios, combucos, cubetos, lobunos, lompardos, caldeiros, sambraias, chamurros, churriados, corombos, coruetos, bocaelos, borralhos, chumbados, chitados, vareiros, silveiros... E os toscos da testa do mocho macheado, e as rugas antigas do boi corualão...’. Notem aí dez aliterações. O rumor dos cascos no chão duro se prolonga – e à página 26 ainda é martelado em dezesseis versos de cinco sílabas: ‘As ancas balançam, e as vagas de dorso das vacas e touros, batendo com as caudas, mugindo no meio, na massa embolada, com atritos de couro, estratos de guampas, estrondos e baques, e o berro queixoso do gado Junqueira, de chifres imensos, com muita tristeza, saudades dos campos, querência dos pastos de lá do sertão...’. Esse doloroso interesse de surpreender a realidade nos mais leves pormenores induz o autor a certa dissipação naturalista – movimentar, por exemplo, uma boiada com vinte adjetivos mais ou menos desconhecidos do leitor, alargar-se talvez um pouco nas descrições. Se isto é defeito, confesso me agrada”. Aponta Graciliano para forma, som e conteúdo, em Rosa, em pleno dinamismo (RAMOS, apud FREIRE, 2015, p. 78).



votou contra o trabalho do ainda desconhecido Guimarães Rosa. Cita-se a seguir uma passagem em que os dois se encontram após esse episódio:

Em fim de 1944, Idefonso Falcão, aqui de passagem, apresentou-me J. Guimarães Rosa, secretário de embaixada, recém-chegado da Europa: – O senhor figurou num júri que julgou um livro meu em 1938. – Como era seu pseudônimo? – Viator. – Ah! O senhor é o médico mineiro que andei procurando. Idefonso Falcão ignorava que Rosa fosse médico, mineiro e literato. Fiz camaradagem rápida com o senhor secretário de embaixada. – Sabe que votei contra seu livro? – Sei, respondeu-me sem nenhum ressentimento. Achando-me diante de uma inteligência livre de mesquinhez, estendi-me sobre os defeitos que guardara na memória. Rosa concordou comigo. Havia suprimido os contos mais fracos. Emendara os restantes, vagaroso, alheio aos futuros leitores e à crítica. Falei-me da intenção de José Olímpio, mas julgo que o meu novo companheiro já tinha compromisso (RAMOS, 1986a, p. 248).

Afeito aos pormenores, os concursos acrescentavam ainda mais penúrias a Graciliano, pois o pouco dinheiro, que eles lhe rendiam, era inversamente proporcional ao trabalho dado: “[...]. Enviaram-me dois enormes embrulhos com milhares de folhas datilografadas. Horrível. Se eu conhecesse os outros membros da comissão e confiasse neles, não leria talvez aquela droga toda” [...] (RAMOS, 1986a, p. 148). E quando lhe renderam algo, agora como também candidato, nem assim Graciliano seria poupado de transtornos. Isso, por ocasião do prêmio recebido pela *Revista Acadêmica*, por conta da novela infanto-juvenil *A terra dos meninos pelados*, quando, de uma viagem a São Paulo, cético e desastrosamente, comentara a um amigo jornalista sua participação naquele. Episódio esse reportado numa das cartas para a Heloísa:

Tudo isso é uma pilhéria desagradável, e foi um desastre o Valdemar ter metido aquelas notas na Gazeta. E desastre maior haver noticiado a publicação dos meninos pelados. Como você



[Heloísa] sabe, essa história foi escrita para um concurso e mandada para o ministério com pseudônimo. O nome do autor não podia ser descoberto antes do julgamento. É verdade que eu não tinha esperança de alcançar o prêmio, mas enfim havia oitenta concorrentes e eu era um deles. Agora, dois meses antes da apuração, a nota da Gazeta me exclui do concurso. O intuito do Valdemar não foi esse, é claro, mas se ele soubesse que a história tinha sido escrita para um concurso, não teria publicado aquilo. Não desejo que se diga mais nada sobre os meninos pelados e sobre a conversa da Revista [...]” (RAMOS, 1982, p. 186).

Enfim, nota-se em Graciliano uma insegurança comum, similar a alguém que vive em constante bancarrota e com constante necessidade de aceitação, mesmo quando se está a um passo de algum mérito. Este que para ele quase sempre vinha da crítica e, por isso, quase nunca se consumava em ganho financeiro. Não é à toa que, entre os seus amigos escritores, se apresentasse um número considerável de médicos, advogados, professores e, sobretudo, jornalistas, com claras declinações à política ou ao funcionalismo público. Nesse grupo havia notórios tradutores, dentre os quais, com quase todos, Graciliano gozava de bom prestígio.<sup>9</sup>

Importante frisar ainda que o trato (auto)biográfico de Graciliano ecoava como contrapelo literário ou como um deliberado esforço de resistência, que fez o escritor alagoano aprofundar-se, depois da prisão (1936), de maneira categórica, em reminiscências, memórias, crônicas e relatos, num caráter predominantemente de considerações pessoais sobre si: *Pequena História da República* (1940, reeditado em 1962 junto à obra

---

<sup>9</sup> Acredita-se “que a tradução de Graciliano Ramos foi bem aceita na cultura brasileira por ele ser um autor já consagrado [em crítica], antes mesmo de iniciar o trabalho de tradutor. A sua fama de escritor foi garantia de qualidade na tarefa de tradutor, reproduzindo um fato corriqueiro na literatura, no qual vários romances canônicos foram traduzidos por autores canônicos brasileiros. Dentre os principais tradutores/autores encontramos Érico Veríssimo, Cecília Meirelles, Mário Quintana, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Rachel de Queiroz, José Lins do Rêgo e Rubem Braga, tradutores de clássicos da literatura internacional como Poe, Queen, Mann, Joyce, Kafka e Proust” (BICALHO, 2010, p. 77).



*Alexandre e outros heróis*, *Infância* (1939-1945), as crônicas de *Viventes das Alagoas* (1941-1962), as crônicas de *Linhas tortas* (1915-1962), *Cartas* (1910-1982), *Relatórios* (1929-1930 e reeditado em 1962 junto a *Viventes das Alagoas*) e *Memórias do cárcere* (1936-1953), *Viagem* (1952-1954), conforme também afirma seu principal biógrafo, Dênis de Moraes, em *O velho Graça* (MORAES, 1996).

Para tanto, retoma-se também o intuito de Antonio Candido, no seu *Ficção e confissão* (1992), ao tentar assimilar para o autor nordestino a mesma intenção literária posta tanto para *Infância* quanto para *Vidas secas*, que por sinal foram confeccionados da mesma forma: contos para serem comercializados de maneira independente e, posteriormente, postos em conjunto<sup>10</sup>. Para além da corroboração apresentada pelo crítico e sociólogo, passa-se a defender aqui que a ânsia do editor/leitor José Olympio, por uma obra de caráter mais ficcional por parte de Graciliano, fora suprida em parte pela sua tradução de *A peste* de Albert Camus:

O tradutor coloca-se no interior de um conjunto que é o seu mundo, a sua língua, o seu estilo e, para tanto, faz supressões e modificações no texto. Percebem-se também alguns equívocos provenientes de uma opção feita por Graciliano Ramos, propositalmente, no intuito de tornar o romance ainda mais próximo das suas ideias e convicções, de transformá-lo em “A Peste de Graciliano Ramos” (BICALHO, 2010, p. 106).

---

<sup>10</sup> “A própria montagem do romance é feita de capítulos interdependentes, autônomos, que foram, inicialmente, publicados avulsos, até serem reunidos num único livro. Através da leitura de cartas aos seus tradutores argentinos, podemos inferir que Graciliano Ramos não os escreveu de forma independente, por mera diversão, mas por necessidade financeira. Escrevia os capítulos e, aos poucos, vendia-os, inclusive para o exterior: ‘O meu plano foi este, meu caro Garay: fiz uma série de contos com os mesmos personagens. Nada de originalidade, questão de pecúnia, somente: os contos poderão ser publicados em jornal, o que não aconteceria se eu lhe enviasse capítulos de romances. Cada história começa e acaba, naturalmente, sem prejuízo para o leitor, mas todos formam um romance, que não edito agora porque o público tem coisas muito mais sérias em que pensar e não perde tempo com literatura” (MAIA, apud BICALHO, 2010, p. 66).



Dessa maneira, o “polissistema” se consuma em duas instâncias: uma, ao projetar como tradutor um escritor brasileiro reconhecido pela crítica e pelo público, inclusive no exterior, com três de seus livros traduzidos para o francês (BICALHO, 2010, p. 122-168); outra, ao imprimir ao texto traduzido um tom local<sup>11</sup>, com repercussão para todos os envolvidos, inclusive para os vernáculos, e até futuros dividendos (póstumos, no caso do nosso autor). Por fim, o que se põe aqui em questão é a coragem de alguém sempre se colocar de maneira mais crítica e pessoal com relação aos problemas que ainda assolam a cultura, traduzindo-se neles, e assim propondo de modo simultâneo e mais enfático uma reflexão acerca de problemas de reconhecimento universal dentro de suas peculiaridades locais, e vice-versa.

A título de encerramento, sabe-se por variadas literaturas que as epidemias têm um caráter cíclico na história da humanidade e o mundo se mostra à mercê de uma mais recente edição: o COVID-19. Entretanto, o que a obra do autor francês e sua respectiva tradução feita pelo romancista alagoano aponta é que determinadas crises servem de alegoria para quaisquer movimentos de tendência totalitária e, dentro disso, como a eugenia, própria dos tais, processa-se por meio de discursos que pregam

---

<sup>11</sup> Ana Maria Bicalho chama nossa atenção ainda para o seguinte aspecto: “Para qualquer tradutor, traduzir um autor canônico seria um grande desafio, uma tarefa árdua e, para alguns, talvez, uma tarefa irrealizável. O desafio de traduzir Camus, especificamente seu romance *La Peste*, foi aceito por duas pessoas: Graciliano Ramos, em 1950 e, em 1980, Valérie Rumjanek. A tradução de Rumjanek trazia a extrema preocupação de não se afastar do ‘original’. A tradutora conhecia e respeitava o trabalho de Camus, considerava-o um ícone da literatura mundial e era nítida, em seu discurso, a posição de inferioridade que assumia diante do romance e do autor. Essa idealização do texto e do autor original por parte dos tradutores mais tradicionais culmina numa postura de inferioridade do tradutor perante o autor e obriga-nos a retomar algumas questões já bastante discutidas, mas que ainda não deixaram de ser empregadas em seu sentido mais tradicional: fidelidade, autoria e originalidade” (BICALHO, 2010, p. 66).



necessários “sacrifícios”, de cunho dito patriótico, sempre direcionados a grupos específicos, como os pobres e os velhos, ocultando numa falaciosa “seleção das espécies” a autoconservação dos chamados mais fortes que, de modo não gratuito, são em sua maioria os mais privilegiados economicamente.

Por fim, o que se busca defender é que, embora a aclamada dicção filosófica de Camus não esteja de toda presente na respectiva tradução (recriação) de Graciliano para *La Peste*, os “ratos” de ontem e de hoje estão lá e aqui, nitidamente presentes, à maneira de uma praga maior, porque mais duradoura, logo bem mais nociva à qualquer sociedade que os alimentem. Isso vem sendo constatado, não sem tristeza, desde o rumo que o Brasil tomou, após o GOLPE jurídico e midiático de 2015, com uma posterior ascensão de um governo de ultra-direita, nos moldes do aqui já citado Integralismo.

## Referências

- BICALHO, Ana Maria. **Diálogos interculturais**: Graciliano Ramos tradutor/traduzido. 2010. 184 f. (+ anexos). Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia (UFBA), Instituto de Letras, Salvador, 2010.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 34. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.
- CAMUS, Albert. **A peste**. Tradução de Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1973.
- CAMUS, Albert. **A peste**. Tradução de Valérie Rumjanek. São Paulo: Círculo do Livro, 1988.
- CANDIDO, Antonio. **Ficção e confissão**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.



- FREIRE, Pedro Antônio. **Histórias cruzadas**: mazelas do Brasil na obra de Graciliano Ramos (em diálogo com a filosofia de Theodor Adorno). 2015. 142 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), Vitória, 2015.
- MORAES, Dênis de. **O velho Graça**: uma biografia de Graciliano Ramos. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.
- RAMOS, Graciliano. **Angústia**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938.
- RAMOS, Graciliano. **Caetés**. Rio de Janeiro: Schmidt, 1933.
- RAMOS, Graciliano. **Cartas**. Rio de Janeiro: Record, 1982.
- RAMOS, Graciliano. **Garranchos**: textos inéditos. Organização de Thiago Mio Salla. São Paulo: Record, 2013.
- RAMOS, Graciliano. **Infância**. Rio de Janeiro: Record, 1995.
- RAMOS, Graciliano. **Linhas tortas**. Rio de Janeiro: Record, 1986a.
- RAMOS, Graciliano. **Memórias do cárcere**. Prefácio de Nelson Werneck Sodré. Ilustrações de Percy Deane. 21 ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 1986b. (2 v.)
- RAMOS, Graciliano. **Relatórios**. Organização de Mário Hélio Gomes de Lima. Rio de Janeiro: Record; Recife (PE): Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1994.
- RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. Rio de Janeiro: Ariel, 1934.
- RAMOS, Graciliano. **Viagem**. 16.ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 1986c.
- RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938.
- RAMOS, Ricardo. **Graciliano**: retrato fragmentado. São Paulo: Siciliano, 1992.
- WASHINGTON, Booker T. **Memórias de um negro**. Tradução de Graciliano Ramos. São Paulo: companhia Editora Nacional, 1942.